



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL**

LAISA DAIANY LIMA SILVA

**“O QUE JÁ ESTÁ QUEIMADO NÃO VOLTA A ARDER”:  
A FIGURAÇÃO HISTÓRICA DA VIOLÊNCIA DA GUERRA EM *TERRA  
SONÂMBULA*, DE MIA COUTO**

Brasília  
2022

LAISA DAIANY LIMA SILVA

**“O QUE JÁ ESTÁ QUEIMADO NÃO VOLTA A ARDER”:**  
A FIGURAÇÃO HISTÓRICA DA VIOLÊNCIA DA GUERRA EM *TERRA*  
*SONÁMBULA*, DE MIA COUTO

Monografia em Literatura apresentada à  
Universidade de Brasília (UnB), como  
requisito para conclusão da Graduação  
em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Aparecido  
Bergamo

Brasília  
2022

***Dedicatória***

À minha mãe por sua força.  
A educação.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Nazaré, por tudo.

Ao meu orientador, Edvaldo Bergamo, por tornar possível, pela excelente orientação e disponibilidade.

À minha família.

Aos programas assistenciais de educação. A educação pública. Aos docentes da faculdade de letras pelo ensino e inspiração.

Aos meus colegas de curso pelas trocas e pelo acolhimento mental, em especial, a Laisa Bianca Silva, homônima, e a Caio Andrade, bem como a Daniele Ribeiro.

Aos meus amigos, todos eles, em especial, aos que reconheci durante a graduação.

À dona Glória por me acolher.

Ao meu orientador de Pibic, Charles dos Santos. Ao meu orientador de extensão universitária, Rodrigo Albuquerque. A Universidade de Brasília, que foi meu sonho por muitos anos e que ainda é. As bolsas de fomento à pesquisa FAP-DF, CNPq e Capes.

A todos os lugares que estagiei e aprendi durante a graduação, em especial, ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep, que foi o lugar em que pude elaborar boa parte desta monografia.

À minha supervisora de estágio, Sandra Mota, por seu acolhimento e por ser uma inspiração de dedicação, competência e resiliência.

A educação.

*“O meu preço, Eu cidadão anónimo, do País que mais amo sem dizer o nome, se é para me dar de corpo e alma (...) dou-me de graça por conta disso. Mas se é para me vender, vendo-me mas vendo-me muito caro. Ao preço incondicional de quanto me pode custar este poema.”*

*José Craveirinha(1922-2022)*

## RESUMO

Este trabalho analisa a obra *Terra Sonâmbula* (1992), de Mia Couto (1955), com enfoque nos episódios de violência, a partir da perspectiva da figuração da guerra, uma vez que temos uma ficção que retrata cenas da história recente de Moçambique. Escrito por Mia Couto, o romance em questão narra a jornada de Muidinga e Tuahir, que se entrecruza com a de Kindzu, sob um cenário de desolação, sofrimento e morte.

Palavras-chave: Romance Moçambicano; Mia Couto; Violência; Guerra.

## **ABSTRACT**

This work analyzes the work *Terra Sonâmbula* (1992), by Mia Couto (1955), focusing on episodes of violence, from the perspective of the figuration of war, since we have a fiction that portrays scenes from the recent history of Mozambique. Written by Mia Couto, the novel in question narrates the journey of Muidinga and Tuahir, which intersects with that of Kindzu, under a scenario of desolation, suffering and death.

Keywords; Mozambican Romance; Mia Couto; Violence; War.

## Sumário

<b>1. Considerações iniciais</b>	<b>9</b>
<b>2. O romance moçambicano</b>	<b>9</b>
<b>3. A trajetória literária de Mia Couto</b>	<b>11</b>
<b>3. História(s) de guerra e violência: o lugar do oprimido/colonizado</b>	<b>13</b>
<b>4. <i>Terra Sonâmbula</i>: passagens para o Índico</b>	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>20</b>



## 1. Considerações iniciais

Moçambique, assim como o Brasil, emerge a partir de uma história de domínio, guerra e resistência, uma vez que foi colônia de Portugal durante muitos anos. Por volta do século XV, os primeiros portugueses chegaram à ilha de Moçambique, mas só em 1951 tornou-se uma província ultramarina de Portugal. Em se tratando de comparação entre estes países, a independência moçambicana é muito jovem, pois o país só se tornou independente em 1975, tendo pouco mais de 45 anos de libertação, diferentemente do Brasil, que está independente há 200 anos. Contar a história da formação literária de um país que viveu sob um conflito armado e foi, por um longo período, colônia de outro país, não é tarefa fácil. Ainda mais quando esse sistema literário ainda é, por se dizer, novo. Por esse motivo, construiremos um caminho para chegar à análise ao nosso objetivo, que se faz necessário entender a formação do sistema literário em Moçambique, a trajetória do escritor Mia Couto, a figuração da guerra e da violência na literatura/na narrativa longa moçambicana e a análise, principalmente, da obra estudada: *Terra Sonâmbula*, primeiro romance publicado pelo autor em causa.

## 2. O romance moçambicano

A literatura em Moçambique integra um grupo em que chamamos de literatura africana em língua portuguesa. Isso porque Moçambique, assim como o Brasil, foi colonizado por Portugal durante muitos anos e teve, como herança, a língua portuguesa como língua oficial. Diferentemente do Brasil, o território moçambicano se encontra banhado pelo oceano Índico, o que o deixa, geograficamente, de costas para o Brasil. Enquanto literatura, é um tema bastante interessante falar sobre a literatura nacional de um país que sofreu intervenção de outro, no caso, Portugal. Aos estudantes de Letras, isso lembra uma manifestação de pensamento crítico feita por Antonio Candido, em seu livro *A formação da literatura brasileira*. As similaridades que podemos encontrar fazendo esta comparação dizem respeito ao que é nacional e o que não é, a que ponto a literatura do colonizado é expressão localista e até que ponto é uma reprodução de valores do colonizador. Nessa perspectiva, Antonio Candido é enfático ao categorizar que, por exemplo, o sistema literário brasileiro existe a partir do arcadismo, por volta de 1768, uma vez que só a partir desse período é que se tem uma produção legítima brasileira. Nessa concepção, a literatura que era produzida antes desse período

reproduzia a literatura do colonizador. Nesse caso, a literatura em Moçambique também sofreu muitas influências da literatura portuguesa, principalmente na poesia lírica. Por conseguinte, essa literatura se caracteriza como emergente e, no caso do romance em questão, pós-colonial. A literatura moçambicana tem suas raízes na oralidade e sua marca na tradição de publicação de contos e, mais tardiamente, romances.

Segundo Marta Banasiak (2013), a literatura em Moçambique inicia-se no século XX e está vinculada à atividade das elites mestiças, tendo raízes na oralidade. Antes do país se tornar independente de Portugal, a produção literária estava fomentada por obras líricas, o que reflete a influência da literatura do colonizador. Inicialmente, a produção jornalística fomentou o que viria a ser a produção literária, o papel jornalístico contribuiu para a formação literária, dando espaço para a publicação de contos. No início da década de 90, foi fundado o jornal *O Africano*. Neste jornal, eram abordados temas relacionados à população local. Com o passar do tempo, o jornal foi vendido e depois se transformou no jornal *O Brado Africano*, que durou até 1974, ainda com temáticas de interesse dos povos submetidos da colônia. Este jornal subsidiou as primeiras publicações de contos moçambicanos.

Ainda, segundo Banasiak, somente a partir do século XX, iniciaram-se as publicações de autores moçambicanos, escritores como Rui de Noronha e João Dias que publicaram, respectivamente, sonetos e contos. Um ponto de influência que podemos considerar é a questão dos sonetos, forma poética utilizada em Portugal, o que reflete a influência do povo português na cultura moçambicana. Caso semelhante ao que Gregório de Matos, nascido no Brasil, mas tendo formação portuguesa, representa em relação à literatura brasileira, o que Antonio Candido chama de manifestação literária e não sistema literário, uma vez que esta produção poética era um reflexo da cultura do colonizador.

Logo depois, inicia-se a produção de poesias, divididas em dois eixos, um que exaltava a nação, a ideia de mãe-África e outro que trata da violência e exploração, o que caracteriza a poesia social, representada por autores como Orlando Mendes e Rui Guerra, segundo a pesquisadora Banasiak. Sobressaindo-se a poesia social, existia também uma poesia de cunho político, refletindo a literatura nacional, conforme dispõe Banasiak. Essa poesia perpetuava nos tempos da guerra de libertação, também entendida como poesia de combate, por fim, existia, ainda, a poesia prisional, referente

à escrita de Craveirinha<sup>1</sup>, no tempo em que ele esteve encarcerado. Para além da poesia prisional, Craveirinha produziu poesias mais intimistas e existia na sua obra a presença de alguns vocábulos da língua banta.

Como vimos anteriormente, a literatura moçambicana é marcada pela composição de poesia e obras líricas, existiam alguns autores de forma fragmentada que publicaram contos, como João Dias e Luís Honwana e a excepcionalidade do romance *Portagem*, de Orlando Mendes. Só a partir da década de 80 que a prosa começa a se desenvolver em Moçambique, com a publicação de contos, entre esses autores, alguns já citados, está Mia Couto, que só publicou um romance em 1992, último ano da guerra civil, que tem como plano de fundo a própria guerra somada ao realismo fantástico. Considerando o aspecto do realismo, Josilene Campos discorre que a partir da realidade de encobrimentos, a literatura se mostra como um importante espaço de ponderação sobre a guerra civil, pois se torna fonte privilegiada de acesso aos imaginários e a representação do conflito:

A ficção literária se apresenta como a "consciência" do fato, o seu significado ultrapassa as categorias estéticas e os signos linguísticos, é matéria para pensar o homem, a guerra e a sociedade. A literatura é uma forma de diálogo que possibilita o recordar, o guardar do sentido de uma época, de um povo, é a responsável pela catarse da guerra civil, pelo exorcismo dos fantasmas de um passado doloroso.

Josilene Campos (2017, p. 3)

Ainda, segundo Josilene Campos, Mia Couto ao retratar Moçambique no momento de guerra propõe uma crítica às identidades nacionais excludentes e questiona a desterritorialização espacial e cultural vivenciada por indivíduos deslocados:

Família e populações que foram separadas, massacradas e isoladas pelas guerras. Denuncia o sofrimento, as atrocidades, a morte e as perdas da população diante do absurdo em que está envolvida. O espaço percorrido na narrativa é o 'território-nação' em Moçambique, devastado pela guerra. A narrativa incorpora o movimento do dia a dia das coletividades das culturas "tradicionais", e sua escrita é perpassada pela multiplicidade de histórias, lendas, mitos, rituais e sonhos.

Josilene Campos (2017, p. 4)

### 3. A trajetória literária de Mia Couto

---

<sup>1</sup> José João Craveirinha (Maputo, 28 de Maio de 1922 — Johannesburgo, 6 de Fevereiro de 2003) é considerado o poeta maior de Moçambique.

A produção literária de Mia Couto começa cedo. Aos 14 anos, ele publicava poemas. Couto é filho de pais portugueses, que emigraram para Moçambique no século XX, o pai de Couto, Fernando Couto, foi jornalista e poeta, tendo influenciado o filho no gosto pelas letras. A trajetória do escritor teve início com o ingresso na universidade no curso de Medicina. Durante esse período, Mia Couto aproximou-se da FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique - e ocupou um cargo de diretor da agência moçambicana de informação, da revista semanal *Tempo* e do jornal *Notícias*. Entretanto, ele não concluiu o curso de medicina e em 1985 reingressou na universidade formando-se em Biologia. Nas letras, seu primeiro livro foi *Raiz do Orvalho*, coletânea de poemas publicada em 1983. Considerando a tradição de oralidade da literatura moçambicana, Pires Laranjeira categoriza a literatura de Mia Couto da seguinte maneira:

Mia Couto constrói um discurso que, por vezes, leva o leitor a pensar que se trata de pura oralidade. Mas é muito mais do que isso: uma sofisticada maneira de combinar, juntando leveza de percepção e inventividade, as falas quotidianas do povo moçambicano com uma construção gramatical do português que explora as possibilidades eruditas da língua em discurso simples, como se uma mulher do povo expusesse na sua língua modos encantatórios de dizer certas coisas especiais. O leitor – e sobretudo a leitora – tem tendência para que essa música, de uma língua portuguesa que, por vezes, pode parecer completamente estranha, porque tão diferente de tudo, lhe arrebate os sentidos.

Laranjeira (2012, p. 59)

Mia Couto dá continuidade a sua produção literária com a publicação de livros de poesia e de contos, só em 1992 que ele publica seu primeiro romance, *Terra sonâmbula*, objeto deste estudo. Em tal obra, o autor trata de Moçambique em guerra, como plano de fundo para a jornada de três personagens, Tuahir, Muidinga e Kindzu, que estão, cada um à sua maneira, à procura de algo. O cenário da guerra está posto, apesar de no livro ele não ser tão pronunciado pelas personagens. O que pode se identificar no pensamento de Pires Laranjeira:

O reforço da identidade moçambicana passa tragicamente, em pano de fundo ou à boca de cena, pela sombra ameaçadora da guerra interna que o governo e o grupo rebelde travaram, com pesados custos para o povo moçambicano.

Laranjeira (2012, p. 60)

O escritor volta a publicar outro romance com o cenário de guerra em 2000, intitulado *O último voo do flamingo*, ainda com a técnica do realismo fantástico e da representação da guerra. Em uma entrevista dada ao *Le Monde Diplomatique Brasil*, intitulada de “a guerra na vida dos sobreviventes, dissidentes e residentes”, Couto

expressa a experiência da guerra na sua vida, e diz que a paz, ao contrário da guerra, nasce de um desejo de resgatar aquilo que era uma cultura, antiga e diversa:

A história de Moçambique é uma história das guerras que se somaram e se seguiram. Esses conflitos geraram sempre situações mal resolvidas, e a percepção comum é que o melhor é não recordar esses momentos de tensão. O esquecimento é o remédio para essas feridas mal saradas. Não é um esquecimento fácil; não é, sobretudo, um esquecimento verdadeiro, mas funciona. O refúgio que se procura em outro lugar, em outra vida ou existência, seja o que for, não é uma coisa de agora. Mesmo que uma pessoa não migre, não saia de seu sítio, ela é um refugiado no sentido de que ela sai de si mesma à procura de um lugar utópico, num ilusório paraíso distante.

Mia Couto (2019, s/p.)

Além disso, Couto expressa o processo de desumanização da guerra revelado pela violência exacerbada:

Tudo se modifica quando estamos a viver uma guerra. Há um processo de desumanização que atinge o outro, mas também nos atinge. Ninguém fica imune, ileso, nesse processo todo. Para autorizar a violência, eu tenho que desumanizar o outro, porque, se eu o reconheço como humano, eu tenho um bloqueio na minha violência. O outro deve ser convertido numa coisa, num rato, num monstro. Mas esse processo é uma faca de dois gumes: eu também me desumanizo para me legitimar como autor de violência. No caso de uma guerra como a que tivemos em Moçambique, uma guerra civil, o outro era sempre tão próximo que se tornou difícil esse processo de distanciamento. A guerra nunca foi somente militar e política, era também um conflito de natureza religiosa. As pessoas estavam na iminência de serem empurradas para um vazio absoluto, e o tempo que vinha, o tempo moderno, era um tempo cego para essas pessoas,

Mia Couto (2019, s/p.)

É interessante esses relatos da experiência da guerra na vida do escritor, pois é possível ao leitor ter uma percepção do livro *Terra sonâmbula* também como uma experiência biográfica, uma vez que apesar de Mia Couto trazer personagens de ficção para essa história, narra emoções, conflitos vivenciados por si mesmo, sobre como viver num país que está em luta, disputa constantes.

### **3. História(s) de guerra e violência: o lugar do oprimido/colonizado**

A guerra nunca partiu, filho. As guerras são como as estações do ano: ficam suspensas, a amadurecer no ódio da gente miúda.  
*O último voo do flamingo* (Mia Couto, 2000)

Como já dito anteriormente, o romance *Terra sonâmbula* tem como cenário a guerra. Essa guerra é expressa por tensões de violência, mas a brutalidade que se expressa pode ser categorizada sob duas perspectivas apresentadas por Walter Benjamin. Nesse sentido, ao tratar de violência no texto de Mia Couto, vamos nos

atentar a uma teoria elaborada por Walter Benjamin, em que discorre sobre os tipos de violência, nos livrando da ideia de violência de forma homogênea. A Agressividade existe de maneiras diferentes, existem duas correntes que discutem sobre hostilidade, são elas: a tese do direito natural e do direito positivo. Respectivamente, a primeira interpreta a violência como dado da natureza, a segunda, por sua vez, interpreta a violência como produto do devir histórico. Benjamin discute uma crítica da barbárie, tentando buscar entender se a ferocidade é um meio ou um fim. Para Frantz Fanon, o processo de descolonização é sempre um fenômeno descomedido, assim como Borges Coelho, que traz a ideia de que países que passaram por guerras coloniais transportam um potencial de violência. Isso explica o fato de que após a guerra colonial o país, Moçambique, se envolve em mais uma guerra travada entre a FRELIMO <sup>2</sup>e a RENAMO <sup>3</sup>, que se estendeu de 1976 a 1992, ano de publicação de *Terra Sonâmbula*.

Após o conflito de libertação colonial, passados poucos anos, a guerra em Moçambique se renova. O movimento RENAMO se rebelou contra a FRELIMO, que após o período de domínio português vinha exercendo poder sobre Moçambique. Inicialmente, o conflito foi uma tentativa de desapropriar Moçambique das ideias comunistas da FRELIMO, durante um período de 16 anos, quando um acordo de paz foi assinado, em 1992. Assim, Moçambique saiu da concentração de poder da FRELIMO, abrindo espaço para um sistema multipartidário. Mas o porquê de após sair de um conflito Moçambique entrou em outro? Para Borges Coelho, os fatores que favoreceram acumular tensões na sociedade que fizeram com que elas se manifestassem no pós-independência, podem estar relacionados com a descolonização tardia. Além disso, apresenta a ideia de que quanto maior for o nível de militarização da sociedade, tal como presença de armas e do conhecimento de uma cultura de utilização de armas e de violência para resolver tensões sociais tornam mais provável o surgimento de conflitos abertos. Sendo assim, já nos conflitos do período colonial existiam componentes que se seguiram na guerra civil, enfatiza Borges Coelho.

Para Fanon, a descolonização é violenta, pois ela substitui homens, ou seja, o homem colonizado se difere do homem pós-colonização. Ainda, Fanon completa que o colono continua a ser sempre um estrangeiro da sua própria terra. O que pode ser observado em *Terra Sonâmbula*, pois apesar de Tuahir e Muidinga serem residentes

---

<sup>2</sup> Frente de Libertação de Moçambique

<sup>3</sup> Resistência Nacional Moçambicana

naquele território, por causa da guerra, eles estão sempre se deslocando, como estrangeiros e/ou exilados em sua própria terra, por uma estrada morta. O que pode ser expresso neste fragmento do primeiro capítulo do livro:

Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiça de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca (...) A estrada que agora se abre a nossos olhos não se entrecruza com outra nenhuma. Está mais deitada que os séculos, suportando sozinha toda a distância.

Mia Couto (2015, p. 9)

Ainda, Fanon completa que para o colonizado, o valor mais essencial, por ser o mais concreto, é primordialmente a terra: a terra que deve assegurar o pão e, bem entendido, a dignidade da pessoa humana.

Para Benjamin, em seu texto “Para a crítica da violência”, o estado democrático permite por meio da lei que haja violência na sociedade capitalista, ele explica isso mediante o exemplo do direito à violência, por exemplo, o trabalhador pode se manifestar contra a crueldade do patrão, ou seja, o direito de greve configura o direito de empregar a violência para alcançar determinados fins. Para explicar a sua tese, Benjamin discorre sobre as teorias naturais e positivas do direito. Esta teoria discute que existe um conceito de justiça aplicável a todos, que pode derivar da natureza. E, também, as filosofias jurídicas positivas que discorrem sobre a justiça e a lei como criações humanas. Para o autor, esses conceitos justificam a atrocidade por diferentes vieses. O que relaciona essas teorias é a tentativa de justificar o uso da violência de forma legalista, O ponto de partida dessa análise é a distinção entre violência legislativa e a selvageria que preserva a lei. Nesse entendimento, Benjamin diz que a classe trabalhadora organizada constitui, ao lado dos Estados, o único sujeito de direito a quem cabe um direito à violência. Retornando ao exemplo anterior, sobre o direito à guerra, Benjamin concorda que o direito à greve não é concedido aos trabalhadores o direito à violência, mas sim o direito de suprimir a uma violência de maneira indireta ao patrão. Se a agressão fosse apenas um meio para obter de imediato de algo que se deseja, ela poderia atingir seu fim como violência predatória, e conclui:

a possibilidade de um direito de guerra repousa exatamente nas mesmas contradições objetivas na situação de direito que a possibilidade do direito de greve - na medida em que o sujeitos de direito sancionam violências cujos fins permanecem, para aqueles que sancionam, fins naturais, e por isso pode, em casos graves, entrar em conflito com seus próprios fins de direito ou naturais. A rigor, a violência da guerra imediata, e quanto predatória.

Benjamin (2011, p.130)

Ainda, Benjamin disserta que a violência como meio instaura e mantém o direito, uma vez que não podendo renunciar nenhuma dessas propriedades, ela abdica por si só a qualquer validade. Nesse sentido, constata-se que a violência como meio, mesmo no caso mais benéfico, participa da problemática do direito em geral. Mesmo que, na altura da investigação, não se possa enxergar com certeza o alcance dessa problemática, o direito, depois do que foi dito, aparece sob uma luz ética tão ambígua, que se impõe naturalmente a pergunta se não existirem outros meios não-violentos, para a regulamentação dos interesses humanos em conflito.

#### **4. *Terra Sonâmbula*: passagens para o Índico**

*Somos da igual raça, Kindzu: somos índicos!  
Ele se ria, repetindo: não indianos mas índicos.  
Terra Sonâmbula (Mia Couto, 2007, p. 29)*

O romance *Terra sonâmbula*, dividido em onze capítulos, trata da jornada de Muidinga, Tuahir e Kindzu, em meio aos desarranjos da Guerra Civil que culminou em Moçambique após a guerra de libertação, como já estamos tratando. Mia Couto, como residente em Moçambique, viveu a experiência da guerra, o que faz considerar a personalidade/autobiografia do relato desse contexto de guerra no livro em questão. No primeiro momento na narrativa, somos apresentados a Muidinga e Tuahir, que estão caminhando e fugindo dos conflitos da guerra, Muidinga está em busca da sua origem, dos seus pais, Tuahir, o velho, da sua memória. Kindzu, por sua vez, tem uma narrativa familiar muito marcada por rupturas e desencontros, ele surge em meio ao ideal de ser um Naparama<sup>4</sup>, um guerreiro, mas em seu caminho ele se envolve com uma moça, Farida, que foi muito marcada pelos processos tradicionais do seu povo. Farida, assim como todos os personagens, também está à procura de algo, nesse caso, do seu filho Gaspar. Durante muito tempo, ela foi perseguida durante sua infância, juventude e agora vida adulta. Kindzu, toma para si a busca pelo filho da amada. É nesse ponto que a narrativa desses personagens se cruzam, uma vez que descobrimos ao longo da leitura que Muidinga é Gaspar, nesse ponto, Muidinga e Tuahir estão entrando em um autocarro incendiado, quando ele se depara com um homem caído portando cadernos. Esses cadernos são de Kindzu, o qual escreveu seu relato de vida nessa estrada de

---

<sup>4</sup> São guerreiros nativos de uma determinada região, que visam lutar pela sua localidade voluntariamente.



guerra. Os personagens têm uma percepção do combate, de como é uma experiência avassaladora. Aqui temos um fragmento de uma das falas de kindzu.

A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder. Seu veneno circulava agora em todos os rios da nossa alma. De dia já não saímos, de noite não sonhávamos. O sonho é o olho da vida. Nós estávamos cegos.  
Mia Couto (2015, p. 16)

No fragmento anterior, é notório o quanto a população nesses espaços de conflito fica apavorada e sem perspectivas, ainda mais em um contexto de Moçambique ter um período mínimo de paz entre as guerras. Além disso, a guerra proporciona uma necessidade de deslocamento entre os sobreviventes, os personagens principais estão se deslocando o tempo todo, como se a guerra os tornasse migrantes em seu próprio país. Fanon afirma tal prerrogativa, para ele, o colono continua a ser sempre um estrangeiro em sua própria terra. Podemos observar neste fragmento narrado por Kindzu:

A guerra crescia e tirava dali a maior parte dos habitantes. Mesmo na vila, sede do distrito, as casas de cimento estavam agora vazias. As paredes, cheias de buracos de balas, pareciam a pele de um leproso. Os bandos disparavam contra as casas como se elas lhes trouxessem raiva. Quem sabe alvejassem não as casas mas o tempo, esse tempo que trouxera o cimento e as residências que duravam mais que a vida dos homens.  
Mia Couto (2015, p. 22)

É oportuno observar que em países colonizados existe uma aproximação entre o nativo daquela terra e o emigrante, que também sofre os dissabores do sistema opressivo, nesse caso, o encontro de kindzu com Surendra, indiano, que está migrando para aquele país:

E ele me passava um pensamento: nós, os da costa, éramos habitantes não de um continente mas de um oceano. Eu e Surendra partilhávamos a mesma pátria: o Indico. E era como se naquele imenso mar se desenrolassem os fios da história, romãs antigos onde nossos sangues se haviam misturado. Eis a razão por que demorávamos na adoração do mar: estavam ali nossos comuns antepassados, flutuando sem fronteiras. Essa era a raiz daquela paixão.

Mia Couto (2015, p. 22)

Inclusive, Rociele Oliveira comprova essa tese, para ela “*a presença da cultura árabe e da portuguesa vivendo em conjunto com a africana, é uma marca da colonização, da diversidade presente nesses povos e também aparece em forma de preconceito vivenciado pelos personagens*” (Oliveira, 2014, p. 4).

A ideia de que os nativos da terra passam a se comportar como estrangeiros, que vimos anteriormente, defendida por Fanon também é expressa neste fragmento “*Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante.*”

*Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra*". Mia Couto (2015, p.9)

Entretanto, apesar de nosso objeto de estudo serem os enfoques de violência, esse processo histórico das guerras permanentes existe na narrativa. É muito simbólico como alguns objetos na narrativa trazem um simbolismo dessa dor e angústia para os personagens. O título do livro faz referência, por exemplo, a uma terra que não descansa, que segue sonâmbula por aí, por passar por duas guerras seguidas. O que conclui Frizzo, Niwa e Ulbrich, no texto “ Entre a tradição e a nação: a perspectiva utópica de Mia Couto para uma Terra Sonâmbula”.

O título de seu primeiro romance faz referência à falta de descanso dessa terra, que sofrera com duas longas e violentas guerras, uma seguida da outra, permanecendo "sonâmbula", perdida em si mesma. Vagando, igualmente sem norte, por essa terra devastada se encontram os protagonistas dessa história, o velho Tuahir e o menino Muidinga. Este é um rapaz novo, mas que sofre de amnésia e não se lembra de sua infância e de sua família, tendo sido resgatado por Tuahir quando estava à beira da morte. Em uma relação que por vezes beira uma entre pai e filho, o velho passa seu tempo (re)ensinando a Muidinga sobre o mundo enquanto fogem sem rumo dos conflitos da Guerra Civil em Moçambique.

Frizzo, Niwa e Ulbrich (2020, p. 27)

A representação da guerra e conseqüentemente da violência se dá de forma simbólica. Segundo Rociele Oliveira, em seu texto “A representação da guerra em Terra Sonâmbula, de Mia Couto” essa batalha se manifesta na obra através dos sentimentos narrados pelos personagens:

Apesar de todos os ecos da guerra, sempre presentes durante o romance, a guerra em si nunca chega a ser exposta. Ela sempre se encontra um passo a frente dos personagens, deixando seu rastro. Vemos os muros furados, mas não os tiros, vemos tanques abandonados mas não tropas, vemos a fome mas não o saque dos armazéns. Isso nos mostra que na verdade o que age sobre aquele Moçambique é uma guerra-fantasma, que assombra o povo mas nunca chega a mostrar sua verdadeira face, uma guerra que não pode ser enfrentada e combatida, apenas está presente, efêmera e destrutiva.

Sasse da Silva (2011, Oliveira 2014, p. 4)

Nesse aspecto, percebemos que para os sobreviventes daquela *Terra Sonâmbula*, que vivem a dor da falta de pessoas que amam, a perda de objetos de sobrevivência, a terra tem um valor essencial, pois é ela que expressa a cultura e traz a memória desse povo, que há muito tempo não descansa de tanto conflito e segue em deambulação.

Aquele grupo de idosos, de repente, me pareceu estar perdido também. Já não eram sábios mas crianças desorientadas. Mais que ninguém, eles sofriam a

visão da terra em agonia. Cada casa destruída tombava em ruínas dentro de seus corações. As mãos do professor sangravam dentro do peito dos mais velhos. Aquela guerra não se parecia com nenhuma outra que tinham ouvido falar. Aquela desordem não tinha nenhuma comparação, nem com as antigas lutas em que se roubavam escravos para serem vendidos na costa.

Mia Couto (2015, p. 29)

Segundo Josilene Campos, em seu artigo “Terra Sonâmbula e a narrativa da guerra civil em Moçambique”, ao examinarmos o romance, compreendemos que o autor cria personagens que suplicam a memória e as experiências. O objetivo deles é mostrar de que maneira são atingidos pela barbárie que se instalou no seu cotidiano. Por isso, anseiam por um momento em que as lembranças possam aflorar e que suas histórias dentro da história possam ser tributárias de sentido. A necessidade de explicar a situação do presente faz com que o processo de invocação contribua para uma percepção das mudanças sociais, econômicas e culturais, fato que reforça a memória coletiva na (re)elaboração de seu passado com um olhar percuciente do presente.

## **5. Considerações finais**

Descobrimos através deste estudo o quanto a violência da guerra e a problemática da colonização tardia contribuem para que a sociedade continue propagando e intensificando conflitos ou até estabeleça outras guerras, como aconteceu em Moçambique. A segunda guerra em Moçambique, plano de fundo da narrativa de Mia Couto, que durou de 1975 a 1992, travada entre a FRELIMO e a RENAMO, deixa a população, que acabou de sair do domínio português, com o mesmo sentimento de medo e expostos à violência que essa desordem traz. A partir disso, os personagens vivem fugindo desse embate, à medida do que é possível, como estrangeiros em sua própria terra. Conseguimos assim compreender de que modo uma população que vivenciou duas guerras terríveis por um longo período conseguiu ressignificar essa experiência atemorizante, em meio às perdas e desastres proporcionados. Podemos compreender também como o ciclo de violência pós-independência perdurou até um outro conflito mais recente, figurando uma potência de violência ainda não debelada por completo, numa nação africana em processo continuado de formação e de afirmação autônoma, perante as contradições das dinâmicas históricas nacionais e internacionais do mundo globalizado.

## REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Marcos. Crítica e historicidade acerca do pós-libertação colonial no romance *Terra sonâmbula* de Mia Couto. *Revista Manduarisawa*. Manaus, UFAM, vol. 2, no 01 2018.
- BANASIAK, Marta. *Narrativa moçambicana pós-colonial: constantes e singularidades*. Univerzita Karlova, Filozofická fakulta, 2013.
- BENJAMIN, Walter. Para uma crítica da violência. In: *Escritos sobre mito e linguagem*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011.
- BORGES COELHO, João Paulo. Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta. Sobre um legado das guerras coloniais nas ex-colônias portuguesas. *Lusotopie*, v. 10, 2003, p. 175-193.
- CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 8.ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia 1997.
- CAMPOS, Josilene Silva. *As representações da guerra civil e a construção da nação moçambicana nos romances de Mia Couto (1992-2000)*. 2009. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Goiânia: UFG 2009.
- CAMPOS, Josilene Silva. Terra Sonâmbula e a narrativa da guerra civil em Moçambique. *XXIX Simpósio Nacional de História*. Contra os preconceitos: história e democracia. Brasília, 2017, p. 1-14.
- COUTO, Mia. A guerra na vida dos sobreviventes, dissidentes e residentes. [Entrevista concedida a] Beatriz Brandão e Maylta dos Anjos. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Moçambique: Edição nº 141, 2 de abril de 2019.
- COUTO, Mia. *O último voo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.
- DARCH, Colin. *O Conflito Moçambicano e o Processo de Paz numa Perspectiva Histórica*. Tradução de Antonio Roxo Leão. Maputo: Friedrich-EbertStiftung, 2018.
- FANON, F. Acerca da violência In: *Os condenados da terra*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- FRIZZO; Matheus, NIWA; Lorena, ULBRICH; Cláudio. *Entre a tradição e a nação: a perspectiva utópica de Mia Couto para uma terra sonâmbula*. *Cadernos de Clio*, Curitiba, v. 11, nº. 1, 20.
- LARANJEIRA, P. Mia Couto, o escritor improvável. *Muitas Vozes*, Ponta Grossa, UEPG, v. 1, n. 1, p. 57-62, 11.
- OLIVEIRA, Rociele. A representação da Guerra em Terra Sonâmbula de Mia Couto. III *Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades*. Vitória: UFES, 2014.

PADILHA, Laura; SILVA, Renata Flávia da (orgs.). *De guerras e violências*. Palavra, corpo, imagem. Niterói: UFF, 2011.

PUREZA, José Manuel; MOURA, Tatiana. *Violência(s) e guerra(s): do triângulo ao continuum*. *Revista Portuguesa de História*, v. 37, 2005, p. 45- 63.

SELIGMANN-SILVA, M.; GINZBURG, J.; Hardman, F. F. (Org.). *Escritas da violência: representações da violência na história e na cultura contemporâneas da América Latina*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

SOUZA, Ubiratã. *Entre palavras e armas: literatura e guerra civil em Moçambique*. São Bernardo do Campo: EdUFABC, 2017.

STUART, Duncan. “Crítica da violência” de Walter Benjamin é um apelo revolucionário às armas. *Carta Maior*. 2021. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/-Critica-da-violencia-de-Walter-Benjamin-e-um-apelo-revolucionario-as-armas/4/51394>. Acesso em: 28 de abril ano 2022.